

QUINTA-FEIRA
Lisboa--28 de Março--1929

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre 149



fixe

semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O "SEMPRE FIXE" NO BANCO COMERCIAL



JOSE PARREIRA
—
MUITA
PALRA
E POUCA
UVA.

— ESTÁ TUDO PRESO,
MENOS A MINHA
LINGUA!!!...

PEÇO MEIA
PALAVRA!

O D.º Moreira J.º, insigne operador e presidente da Assembleia, é que podia pres-
tar um grande serviço: extrair ao S.º Parreira a quilométrica língua.

CARLOS PEREIRA
— UM COPINHO
D'ÁGUA DA
COMPANHIA
PARA BOCHECHAR

Visto que Parreira tem sempre razão de queixa, arranque-
-lhe um queixal na proxima reunião, S.º D.º Carocha!

O BOMBO DA ASSEMBLEIA
TOCADO PELO D.º MARTINS
DE CARVALHO COM TODA
A FORÇA DOS SEUS ARGUMENTOS!

“ SOU JORNALISTA, E O JOR-
NALISTA É O POLICIA DA
SOCIEDADE! ”

(Maxima de Parreira na reunião de
22 Março. — Não é Tradução de Le Bon)

E se o S.º Ferreira do Amaral
castigasse com dez patrulhas
este policia das sociedades, bancos
e companhias?...

Oliveira Soares
O mais feliz
dos assistentes:
Não ouve o S.º Parreira

J.º Valença

A assembleia do Banco Comercial, ao reformar os estatutos, devia tambem reformar o sr. José Parreira com o silencio por inteiro. «Sempre Fixe» propõe que se lhe faça aos discursos o que se faz aos telegramas: um tanto por palavra, o que daria uma conta «calada» a descontar nos dividendos do falador. Era remedio infalivel para secar a guela ao loquaz papagalão.



Os ditos da semana



A selecta capoeira

Aquilo era uma capoeira de galinhas de raça, de selectas galinhas, escolhidas a dedo, não por serem as melhores poedeiras, mas por serem as de mais fina plumagem, as que mais vista faziam e melhor sabiam desafiar os galos. Cacarejava-se à roda dos comedouros, enquanto a galinha choca que regia a capoeira, andava dentro e fóra com seus ares de rainha regente, vigiando as franganitas.

Vae-se-não-quando, o tratador deixou a porta aberta e uma galinha vulgar, uma galinha arrogante, uma galinha que sabia também cacarejar como as melhores, introduziu-se na capoeira, abeirou-se dum bebedouro e desatou a saborear aqueles golosinhos de agua fresca, como se fosse uma senhora da alta roda, a tomar chá na Garrett. O aparecimento da intrusa desconcertou a assistencia. Estenderam-se os pescoços e voltaram-se os bicos ameaçadores para a grande atrevida que tinha tido o arrojo de profanar capoeira tão selecta. E então a galinha choca, para atrair a intrusa, poz-se a fingir que lhe deitavam painço por um canudo preto, amarrado a um fio verde que fazia retinir uma capainha. A galinha saloia, coitada, julgando-se entre galinhas honradas, acorreu também ao painço mas, quando ia a debicar no canudo, a galinha choca embargou-lhe o passo e invectivou-a:

—O que é que você julga? sua delambida. Imagina você que isto é capoeira para toda a gente? Você é galinha ordinaria, é galinha de outra capoeira, e não tem nada que vir aqui cheirar.

Mas a galinha saloia, que estava acostumada a ver através da rede de arame da selecta capoeira, que as outras eram galinhas como ela, poz-se nos bicos dos pés, eriçou



— Diz o jornal que de 100 pessoas que viajam sem bilhete, 80 são mulheres.

— Claro! Nós, as mulheres, temos a grande preocupação da economia.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

as penas do pescoço e cacarejou:

—Oh! filhas, mas que fino! Então vocês julgam que eu as não conheço? Olhem lá, suas galinhas de raças atravessadas, isto da côr das penas não têm importancia, porque todas nós somos galinhas, como galinhas vivemos, e todas nós temos uns poucos de galos.

Esta historia, se se tivesse dado, tinha muita graça, mas como não se deu não tem graça nenhuma, senão quando as galinhas tiverem dentes.

Videntes Andam saídas as bruxas. São videntes.

tes, cartomantes, mulheres de virtude e tudo o mais que diga respeito a falar com almas do outro mundo, para sustentar as almas que andam ainda neste vale de lagrimas. Quem quer saber das voltas que o marido dá, da origem da espinhela caída e das razões porque um namorado se aborreceu da sua apaixonada, sobe a escada, bate á porta, apresenta uma nota de cinco e faz a consulta. A vidente concentra-se, desata a tremer e a falar com a voz entaramelada:

—Sim, o seu marido tem outra. E... uma mulher... alta... de cabelos... loiros..., que vae aos... retalhos do Granel... e... não rapa... os pelos... das pernas.

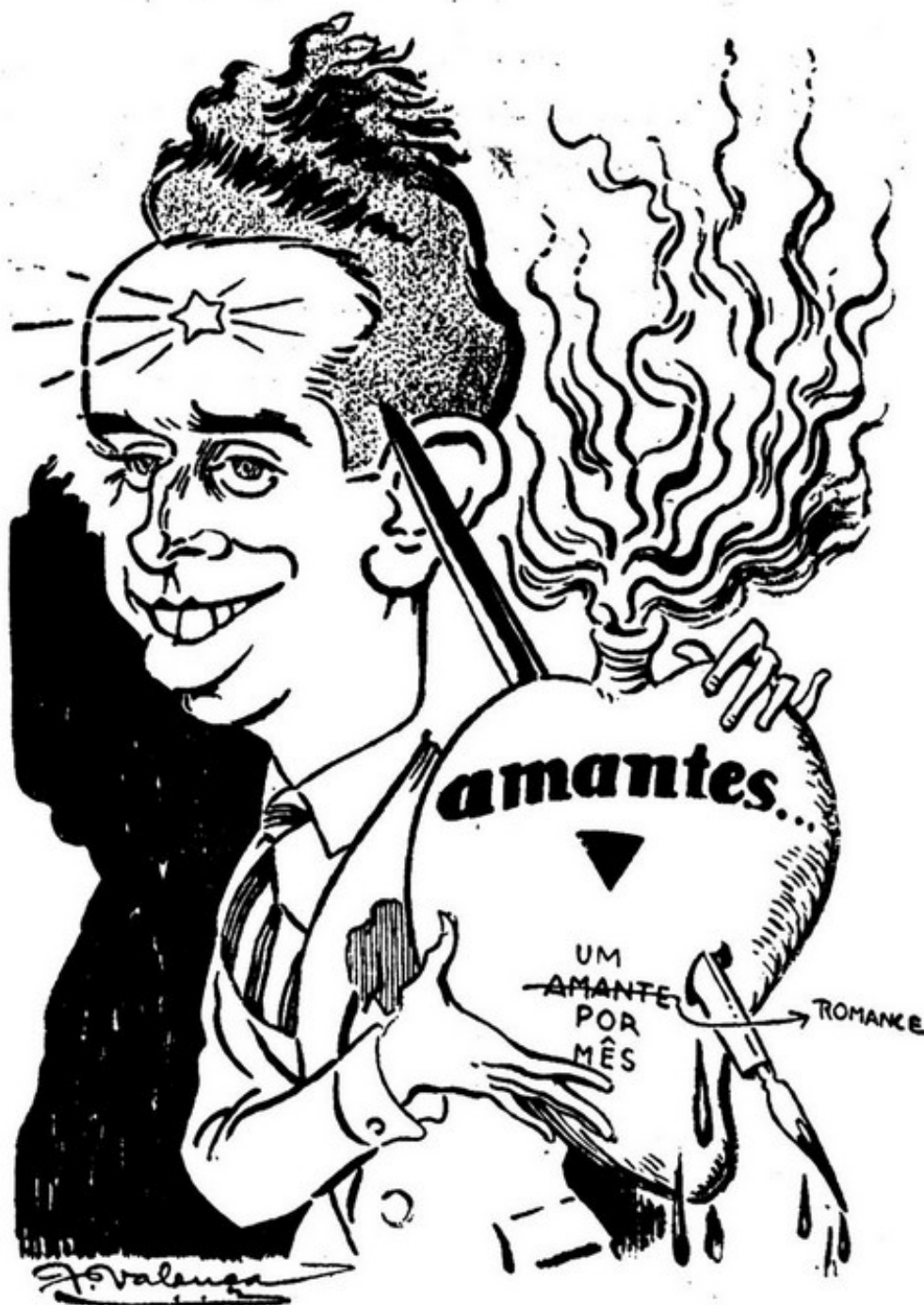
—Não diga mais, clama logo a consulente, que já poz o dedo numa lambisgoia qualquer que móra lá na rua. Não diga mais.

E pronto. Está armada a zaragata. E, nesta altura, entra a policia.

A policia... E estas videntes que tudo sabem e tudo veem, que veem as voltas que a gente dá, que veem as almas do outro mundo e as patifarias que os maridos fazem de portas a dentro, não sabem ver a policia que lhe vae subindo a escada para as conduzir ao Governo Civil.

Mas então que veem elas? Veem cinco escudos na palma da mão.

PAULO DE BRITO ARANHA



Com o bellissimo romance *Amantes...*, Brito Aranha prende-nos na tela de fios de ouro da sua prosa rutila.

Amantes... é um amor... de livro, um livro por que nos apaixonamos, e que já nos não sae de junto do coração.

Oxalá «Um romance por mez» nos desse tão vivas e coloridas paginas num romance por dia!

No "Caliça" Domingo foi um dia em cheio— a festa a favor dos tuberculosos e a conferencia de Alfredo Candido sobre «O genio e a influencia da caricatura até Raphael Bordallo.

Da primeira, por muito sábia que seja a nossa graça, não ha que falar por isso que tratando-se duma festa para doentes—doente foi ela, excepção feita ao brilhantismo de Fão na regencia da orquestra da G. N. R. e ao esforço de Cassiano Neves e Ferreira do Amaral.

Da segunda, da festa de Alfredo Candido, com o concurso valioso da memoria de Raphael Bordallo, também ha pouco a dizer. Pouco ou nada mesmo—porque sobre Bordallo também pouco se disse.

Mas cá vae uma piada:

«A sala onde se realisou a conferencia, seja embora nas Belas Artes está, por *malas artes*, numa vergonha. Terra e caliça por todos os lados.

Quando acabou a conferencia perguntamos a alguem:

—Então gostou?

—Não! Não perdoo ao Alfredo Candido ter realisado a festa no «Caliça»..



— Já ha fitas faladas. A minha mulher era cantora... Queira Deus que o mesmo não suceda com os quadros...

FUME SUNRIPE

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O T. N. está dando assunto para muita coluna, principalmente no *Diário de Notícias*, onde se abriu um inquerito sobre o seu futuro. O melhor depoimento foi o do actor C. L. Transcrevemos, a seguir, alguns trechos, na impossibilidade de o fazer na íntegra, como merecia:

«O problema do nosso primeiro teatro não me parece de fácil resolução, enquanto não lhe fizerem as inadiáveis obras de que tanto necessita o seu velhoro interior, flagrantemente afastado de todas as comodidades impostas pela transição. Quero-me uma noite inteira no conforto do «Central», e não me quero cinco minutos sentado nas cadeiras avoengas, estilo «bota de elastico» dos camarotes e frizas do «Nacional», ou nos seus «fauteuils» da plateia, desazados, funebres e que mais parecem as cadeiras dos barbeiros de aldeia! Os reposteiros — coitaditos — nem já para «panos da casa» servem... A sua sala, nem mesmo como documentario de estilo de uma epoca merece que ao menos lhe chamemos o belo horrivel, ou vice-versa!

Dizem os eruditos que o Estado não é empresario! Mas perfeita mente de acôrdo. Indiferente, porém, é que o mesmo Estado não pode ser, ao desgraçado estado em que aquele funereo templo se encontra. Eu tambem não pretendo, na minha maneira de vêr, que o Estado assine «etiquetas de pagamento nem ature scenografos e autores, etc., regateando montagens — não; mas entendo que o subsidio se lhe impõe como dever.

E não pela velha pecha de quem quer luxos paga-os, mas porque é o Teatro do país — a sua catedral da Sublime Arte, e á qual o Estado não pode ser estranho, porque é lá que se devem sempre efectuar todas as solemnidades officiais, como mostruario a estrangeiros e nacionais do que possuímos de melhor na Arte dramatica. O resto, depois não é difficil, desde que se procure seleccionar os elementos que de direito ali devem albergar-se. As figuras estão no nosso instinto, bastando que se acabe — por já estar fóra da epoca — com a «feira das vaidades».

Palmira Bastos, Amelia Rey Colação, a Irene Isidro e a Sampaio, a Maria Cristina, o Imenso Alves da Cunha, o Alexandre Azevedo nos centrais, o Robles á maneira do saudoso Augusto Antunes, e nos galãs o Raul de Carvalho, e ainda o Samwel Denis; para os característicos, os indispensaveis, Almada e Assis Pacheco. Nas rabulas — a praticarem, modestamente remunerados, os discipulos do Conservatorio. Assim, até pagava para lá ir vê-los representar, e tenho convicção de que teria horas saudaveis para a minha alma de artista e de espectador.

Eis, o mais concretamente possível, a opinião de um arlequim revisteiro, — que não aneia lugar no Templo, porque se sente muito a seu gosto a chalaçar por entre o rodopiar das «girls», ao som dos macabros «jazzs».

E cá fico para as curvas de outra qualquer opinião que o «Diário de Notícias» de mim deseje.»



E siga a dança...
...e a dança parece que segue, mas de tábua geral. O «A. B. C.» então é um louvar a Deus!



Cristovão Colombo descobriu a America Cristovão Ayres descobriu o Baile das Artes.

Leia-se esta passagem:

«Nada menos do que nove pessoas se juntaram para fazer esta revista!

E' incrível como possa haver gente capaz de se sugelitar e suportar um tão elevado numero de colaboradores!

Ou o talento não abunda da parte de nenhum deles e, reconhecendo a sua propria impotencia creadora, sentem a necessidade do auxilio alheio, ou todos estão tão intimamente identificados quanto ao objectivo a atingir, que a obra lhes sai como se um só cerebro a pensasse e a puzesse em

execução. Que o segundo caso se não deu, prova-o a sua falta de unidade, não falando na ausencia absoluta de graça, de novidade, de correcção, de originalidade, e até de relevo literario que se nota em toda ella. Por exclusão de partes, resta portanto a primeira hipótese... como a unica aceitavel.

Literariamente é uma lastima. A ausencia de graça, de espirito e de originalidade foi grosseiramente mascarada pela mais desbragada pornografia.

Um tal espectáculo é deprimente. A nós confrangeu-nos. E' com profunda tristeza que o dizemos

H. P.

O critico teatral
Do semanario *A B C*,
Diz que é muito imparcial,
Muito serio, etc. e tal,
E assigna-se H. P.

Mas diz-me um sabio de truz,
—E não me atrevo a nega-lo,—
Que esse H. P. se traduz
Pela força que produz
A potencia dum cavallo.

E ninguem pode negar,
—Por mais que a logica torça,—
Que esse critico exemplar
Que nos anda a massacrar,
E' um cavallo de força.

João Fernandes.

Mas, acima de tudo, põmos o respeito que nos merecem a Arte e o Publico.

A missão do critico é alguma coisa mais do que dizer se a peça é boa ou má, se é bom ou mau o desempenho. A sua missão, o seu dever, é corrigir, orientar, moralizar; numa palavra: é fazer justiça, é dizer a verdade — sem subterfugios, sem cumplicidades, sem tibiezas.

Criámos com isto inimizades e malquerenças? Que importa? Nada nos fará desviar do caminho que a nossa consciencia e o nosso raciocinio nos indicam como o unico que devemos trilhar.»

«Ha muitos anos que não se escreve, em jornais portugueses, uma tão verdadeira critica. E' caso para dizer: ...siga a dança, que os empresarios não de ter emenda!



A maioria dos nossos artistas e homens de teatro, quando os jornais dizem bem deles, nem sequer agradecem, pois que julgam ser uma obrigação. Raro é o que sobe as escadas duma redacção ou envia um cartão de agradecimento. Mas se o critico (ou o jornalista os beliscam, ao de leve, queixam-se, enviam cartas aos directores dos jornais e cortam as relações com o autor do artigo... Ha tanto exemplo!

Mas a que proposito vem isto?



DIZEM os jornais que estão em Lisboa sete empresarios de teatros da provincia, que veem fechar contratos com a actriz-cantora A. de O. para a sua proxima tournée:

Sete?! Ah... é verdade... são os sete alfaiates que veem matar a grãmba!



UMA creada, ao voltarem os patrões do teatro, onde assistiram á festa artistica da *estrela* da companhia:

— Então, minha senhora, foi bonita a peça?

— Muito triste; morre muita gente.

— Ah! eu logo disse. Vi passar para o teatro tanta coroa de flores...



A FESTA da grande actriz A. A. faz-se com a comedia «A eterna mocidade». Quem a devia fazer, com a mesma peça, era a A. de O...

Dizemos isto... cá por coisas...



NO sabado de Aleluia estreiam-se, em Lisboa, duas companhias de teatro ligeiro: a do T. da T. e a de G. de O., no T. A. A primeira com a revista «Pó daqui a dois meses» e a segunda com a opereta de costumes portugueses «Os Vareiros lá do norte de Portugal»...



UMA frase velha em reclames teatraes:

«Necita unica que não torna a repetir-se.»

Se ella é unica... como queriam que...

Pois é assim mesmo que vem escrito nos jornais...

O Homem das 5 horas

OME SUNRIPE

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

BOM HUMOR

A patrão: — Apostava cincoenta mil réis que fôste tu que bebeste o vinho do Porto.

A criada: — E' contra os meus principios apostar, minha senhora.

* * *

O pai, falando das filhas: — A Maria, que tem vinte e cinco anos, leva 150 contos de dote; Isabel, como vai nos trinta e cinco, terá 300 contos, e a Elisa, que já vai nos quarenta, receberá 500...

O joven pretendente: — Diga-me: o senhor não tem uma filha com sessenta anos?

* * *

O rapaz do escritorio: — O sr. Domingos está muito ocupado.

O visitante indesejavel: — Mas não é com ele que desejo falar. E' com o sr. Soares.

O rapaz do escritorio (sem se desorientar): — Precisamente neste momento o sr. Domingos está muito ocupado com o sr. Soares...

* * *

Uma declaração de amor:

Ela: — Se me repele, faço uma asneira.

Ela: — Suicida-se?

Ele: — E' o que costume fazer nestes casos...

* * *

— Mas como é que sua filha se divorcia, sendo tão feliz com o marido?
— Que quer! A cartomante é que vaticinou...

* * *

Uma que escapou aos tradutores do Topaze:

O professor: — Os meninos vão no electrico. Todos os lugares estão tomados, quando entra uma senhora. O que fazem?

Um aluno: — Grito logo: «Não ha lugares!»...

* * *

Coragem:

O hipnotizador: — Ha cinco segundos que a estou olhando e já sei o que está pensando.

Ela: — E apesar disso... continua?

* * *

No atelier dum pintor futurista:

— Mas, meu querido artista, o senhor está equivocado. Minha mulher não tem esse bigode de policia que você pintou no retrato!

— E' lamentavel que o senhor não compreenda a minha arte. Eu não copio a natureza: — interpreto-a...



— Eu se um dia enviuar não caso outra vez. E tu?
— Eu? Ainda que ficasse viuvo vinte vezes não tornaria a casar.

Sortes grandest
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Boa assistencia só no
Solar d'Alegria.

ONOFROFE

na redacção do "Sempre Fixe,"

O prodigioso magnetizador e telepata Onofrofe visitou ontem as varias secções do *Sempre Fixe*, dándonos, além da honra da sua visita, uma curiosa exhibição dos seus assombrosos trabalhos.

Sem que tivéssemos anunciado ou feito a mais leve prevenção, dez minutos antes da chegada de Onofrofe, encontravam-se os nossos escritorios repletos de visitantes, entre os quais, além de todos os nossos colaboradores, se viam bastantes individualidades das artes, das sciencias, da politica e da tauromaquia.

Os tipografos, que nunca viram tanta gente reunida no nosso jornal, interrogavam-se:

— Mas que será isto? Então fazem uma festa e não nos dizem nada?

Alguem aventa a hipotese de um bode. Ha quem lembre a fundação de um club de humoristas, e o pasmo sobe de ponto quando alguns dos visitantes confessam que se lembraram de vir até ao *Sempre Fixe*, mas sem saber ao certo porquê.

Aprigio Mafra lembra se o caso não será uma vingança daquela mulher de virtudes presa ha dias e se a partida não será obra de bruxedos. Finalmente, chega Onofrofe e com muita naturalidade diz: — «Muito obrigado, senhores. Vejo que vozelencias não faltaram ao meu convite.

Ficou tudo aterrado. Todos os presentes sentiram-se envolvidos num circulo magnetico.

Onofrofe, voltando-se para o Manzoni, ordenou: — «Meu caro senhor: Todas estas pessoas vieram aqui porque trazem consigo recibos para cobrar. Faça favor de abrir o cofre e fazer pagamentos.

O nosso administrador exclama:

— Sempre pagámos a horas as nossas contas!

E, sorrindo, avançou para o cofre. Nisto aparece um gato, e simpatico gato sustentado pela tipografia. Onofrofe exclama:

— Não avance para o cofre. Está aqui um tigre a guardá-lo.

O nosso colaborador Eduardo Frias, tomando o gato pelo tigre, grita aos seus camaradas:

— Não tenham medo! Um tigre é facil de dominar.

Avança para o gato, mas o gato foge. Onofrofe pede desculpa destas situações, explicando que se tratava de mostrar o seu poder de suggestão. Deseja apenas que todos se encontrem satisfeitos. E novamente exibindo o seu poder, Onofrofe fez com que o sr. Ramada Curto resasse uma missa, supondo estar no tribunal. Obrigou o nosso colaborador Stuart de Carvalhais a levar á boca uma bilha de agua, na suposição que estava emborcando carrascão, e coneguiu ainda que o Luis Figueira escrevesse com boa letra e o Silva Passos viesse até á rua com uma nabica na lapela, muito convencido que era uma gardenia.

Quasi á saída, Onofrofe realizou ainda uma curiosa experiencia de visão extra-lucida.

Um dos assistentes mais recalitrantes disse:

— Não é capaz de adivinhar o que tenho nesta algibeira...

Onofrofe exclamou, imperturbavel:

— O senhor é que não sabe o que lhe puzeram na carteira.

— Ora essa... Tenho a carteira vazia.

— Queira verificar, cavalheiro. Tenha cuidado. Alguem tirou o retrato de sua mulher, mas pôs lá dinheiro.

— Ora. Fantasias...

O certo é que o cavalheiro não quiz conferir á nossa frente.

Riso amarelo

Frederico o Grande, da Prussia, ouviu falar dum magico da Silesia que tinha fama de ter tratos com os espiritos e fê-lo chamar á sua presença, desejoso de averiguar se era verdade o que se dizia.

— E' verdade que pode evocar os espiritos? — perguntou o soberano.

— Sim, Magestade — responde o espirita. Posso evocá-los; o difficil é eles responderem...

* * *

O caricaturista Bagaria, que se encontra frequentemente sob os afeitos do pessimismo, estava num dia completamente negro. A vida afigurava-se-lhe difficil e temia até pelo futuro dos filhos. Recordando-se que lhe tinham contado que os rapazes recolhidos no Colegio dos Orfãos da Armada viviam num paraizo, pensou em meter lá os seus herdeiros. Mas como?

Encontrando o jornalista Felix Lorenzo, perguntou-lhe:

— Que é preciso eu fazer para que os meus filhas entrem no Colegio dos Orfãos da Armada?

— Precisa — respondeu Felix — primeiro fazer-se marinheiro e, depois, morrer...

* * *

Angel Pestaña, o conhecido sindicalista espanhol, encontrou um amigo com tendencias politicas opostas ás suas, que lhe perguntou:

— Diz-me em poucas palavras e com toda a concisão o que entendes por capital e trabalho.

— Com muito gosto — respondeu Pestaña. — Se tu me emprestas cem duros, estes serão o capital.

— Bem. E o trabalho? — insistiu o amigo.

— Trabalho terás tu para que eu os pague.

* * *

Recebeu o director dum jornal uma longa poesia que tinha por titulo: «Porque vivo ainda?».

Era de tal especie a poesia que respondeu ao espontaneo colaborador:

— Meu caro senhor: O senhor vive ainda porque teve a prudencia de enviar a sua poesia pelo correio, em vez de m'a trazer pessoalmente...

Mulheres de virtude

Todos notam, consternados,
A crise de caracteres,
E gritam, apavorados,
Que faltam homens honrados
E virtuosas mulheres...

Pois senhores, a sã moral
Exige, com modo rude,
Que o Ferreira do Amaral
Acabe na capital
Com as mulheres de virtude!

J. F.



— Calcule o papá que encontrei no caminho um homem que me disse que ha quatro dias que não come nada.
— Coitado! Com um fastio desses pode morrer...

FUMESUNRIPE

ECCE HOMO

O eterno crucificado



A cruz é pesadissima mas o Zé aguenta tudo

Elevador da Gloria

José Gasteiro nasceu em Vila Nova, cinco ou seis leguas de Viseu. Aproveitando a viagem dum camion, foi á cidade tratar dos seus negocios. Ao fim da tarde, depois de ter feito tudo quanto tinha na ideia, resolveu voltar para Vila Nova.

A porta da farmacia principal estava parado um automovel, que ele sabia ser do dr. Seabra. Não esteve com meias medidas:

— Doutor! Quanto leva por ir a Vila Nova?

— Fera da cidade são vinte mil réis!

— E pode ir já?

— Posso. Suba para o automovel. Ao fim da viagem, já quando se avistava o casario da povoação, José Gasteiro puxou duma nota de vinte mil réis e pagou ao medico.

— Mas então o doente?

— Para falar a verdade, não tenho ninguém doente... Aproveitei o seu carro porque os chauffeurs de Viseu queriam cinquenta escudos para me vir cá por...

Ao sentir aproximar-se a morte, Israel, judeu dos quatro costados, chamou a mulher e recomendou-lhe:

— Poucos... instantes... tenho de vida... Se te... quizeres casar outra vez... casa com o compadre Jacob... Está a par dos meus negocios... E' bom homem...

E a mulher:

— Impossível, Israel! Já tenho o casamento tratado com o Isaias...

Padre Vicente foi colocado numa povoação da Beira. Todos os domingos, do pulpito, pregava um comovido e edificante sermão. De semana para semana, o auditorio crescia, demonstrando o seu interesse pelas sublimes praticas. Padre Vicente notou que o sapateiro da povoação acompanhava sempre as suas palavras com meneios de assentimento. Sabendo que ele nunca se confessará, um dia, á saída da missa, padre Vicente dirigiu-lhe a palavra:

— Não seria ocasião de tu fazeres a tua profissão de fé?

— Para falar a verdade — disse o sapateiro — acho que ainda é muito cedo. E' melhor lá para o fim do ano. Tenho que fazer aí umas malandricas e quero aproveitar o tempo...



— Tenho que comprar uns sapatos novos que hoje em dia a beleza das mulheres está nos sapatos.

FUME **SUNRIPE**

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

Mulheres intelectuais

A Maria da Piedade de Galvão Pitta Painei de S. Vicente Figueiredo e Saraiva era uma das raparigas mais apetitosas e chics do Bairro Cambões, assim chamado por nele morarem quasi todas as *Tagides* que o poeta cantou no seu poema *Lustadas*. Descendente de boa nobresa, tinha entre os seus antepassados alguns manipuladores de calçado de distinta estirpe e alguns tecelões que não chegaram a ser Vice-Reis da Índia, o que levava a menina a orgulhar-se de possuir como avós e, por este motivo, fidalgos de *solar* e de *linhagem*.

Agora, no Carnaval, houve festa rija na rua Luciano Cordeiro, que providencialmente fica situada ao pé da da Sociedade Pharmaceutica...

A essa *soirée masquée* foram algumas pessoas de categoria, umas de idade já avançada e outras ainda de poucos anos. A Maria da Piedade tem fama de *dem fatante*. E' um tanto «prognostica», diz coisas lindas pelo nariz e consta que se propõe publicar um livro em que se trata do casamento de filhos adúlteros com revisores dos electricos. E' um tratado de filosofia matrimonial em que, por meio de espiritismo, se conseguiu saber se a geração é um dom de natureza se um dote de espirito, pela simples razão de que ha pais que são mães dos filhos e mães que procrearam crianças que não nasceram dos pais!

E', como se vê, um assunto complicado. Mas a Maria da Piedade desarma habilmente todas as escabrosidades porque, recorrendo á sua linguagem futurista, tem periodos como este: «Um filho que resulta da primitividade ancestral pode considerar-se permanentemente conciliabilizado na corrente anfróditica da comunhão dos sexos»!

E mais adiante: «O sexo é um por menor sem importancia, na actualidade, sob o ponto de vista da generalização comunicativa do prazer. E' por essa razão que ha homens que leem nomes de mulher e mulheres que usam nomes de homem — Antonio Maria e Maria José. Daí a influencia tambem no fato — Fulana usa chapéu á *tourcira* (feminino). A Mimi traz cabelo á *Jodossinho* (masculino)».

Mas a Maria da Piedade não é só uma arrojada cientista, é tambem uma requintada cultora dos vocabulos e frases empolgantes, que emprega sempre a *proposito*. Ha dias, na tal reunião, numa roda de literatos que frequentam o Café Garrido, da rua do Amparo, logrou ela introduzir na sua conversa dois termos que, por serem pouco vulgares, lhe despertaram atenção: *infalivelmente* e *exterior*. São na verdade duas palavras dificeis e raras.

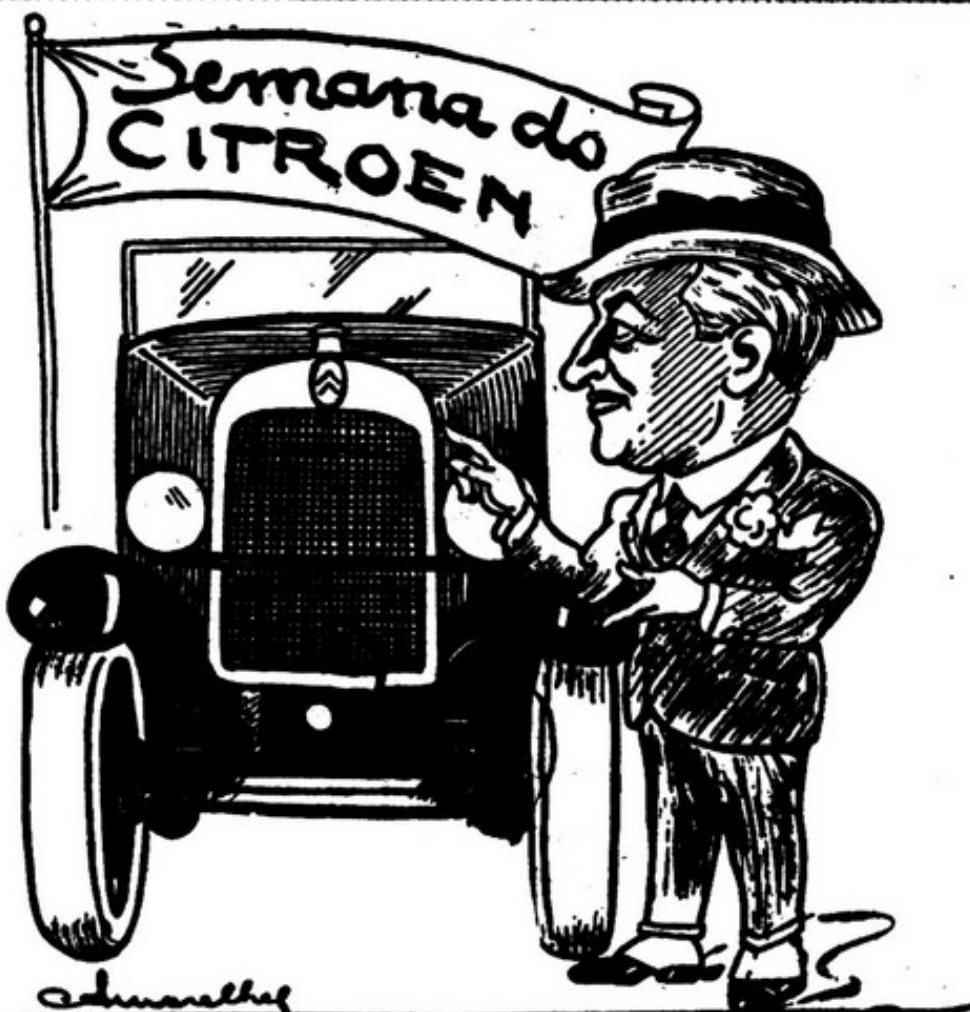
A conversa animara quando, inesperadamente, surgiu um grande gato preto, que saltou precipitadamente para cima duma mesa onde estava um retrato do Pinheiro Maluco, que por pouco se não escangalhou com a investida do felino, que se chama «Mario Cavaradossi».

Exaltada, a Maria aproveitou o ensejo feliz e gritou para que a douta assembleia bem a ouvisse:

— «Ah! maldito gato, *infalivelmente*. Nunca vi animal *tão exterior*!»

No dia seguinte, a nossa amiga recebeu uma circular da Academia das Sciencias, convidando-a a fazer parte da comissão que ha de elaborar o «Dicionario da Academia», que... nunca sairá, porque em Portugal já ninguém se entende.

N. B.



Eduardo André Ross Citroen - O verdadeiro e unico «palhinhas» de chapéu mole...



Fraquezas de gigante

Um novo-rico comprou um magnifico *Rolls-Royce* de 8 cilindros, que lhe custou o melhor de 300 contos, tão bom e tão bonito como o de Estevão Wanzeller, e, para o estrear, foi dar um passeio ao Estoril.

Sentou-se risonhamente no seu riquissimo carro e tudo corria ás mil maravilhas; mas quando iam na altura do Dafundo, a 80 quilometros á hora, o automovel estacou repentinamente. O *chauffeur* foi logo inspecionar o motor, pesquisar a origem da paragem. A *panne* era no carburador.

Nessa altura, passava na estrada um modesto *Peugeot Bébé*, que, em obediencia ás praxes, parou para perguntar se era preciso alguma coisa. O rico agradeceu, respondendo negativamente.

Depois dum quarto de hora de arranjo, o carro pôs-se em marcha, passando á frente de todos os outros e, entre eles, do *Peugeot Bébé*, a uma velocidade de mais de 100 quilometros. Quando passavam em Paço d'Arcos, o automovel novamente estacou. Nova inspecção ao motor, nova *panne* no carburador. Enquanto este se separava, passou mais uma vez o *Peugeot Bébé*, delicadamente oferecendo os seus serviços e retomando logo após a sua marcha.

Reparado o *Rolls-Royce*, dentro em pouco deslisava na estrada alcatroada como numa pista e mais uma vez passava triunfantemente pelo *Peugeot Bébé*, para ir estacar mais adiante pela terceira vez, com uma *panne* nas velas. Entretanto passava o *Peugeot Bébé*, que parecia desdenhoso e triunfalmente avançar na estrada. O novo-rico ficou a mirá-lo durante alguns instantes e, repentinamente, voltando-se para o *chauffeur*, inquiriu:

- O que é aquele?
- E' um *Peugeot Bébé*.
- E anda?
- Como vê...
- Então — disse num tom de desabafo o novo-rico — em chegando a Lisboa, compras dois e metes aí na caixa de ferramenta...

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acrece o porte do correio.

De relance...

Sim, senhor, a «Tabaqueira» tanto andou e tanto andou que afinal sempre lançou e com grande chifreina o tabaco no mercado...

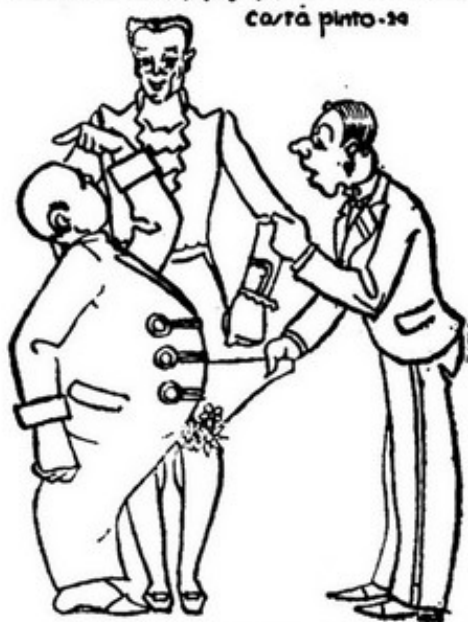
embora seja o lançar, que é filho do vomitar, um gesto pouco aceado. Não sei se o tabaco presta. A consolação me resta de que ainda o não provei. Ha muito me habituei de ás coisas más fazer rосто e, porque os males resumo, nem a provar estou disposto. Para mau — bem basta já este tabaco que fumo da ha muito tempo para cá... Confesso — não o provei apenas sei

que as embalagens, coitadas! são muito desageitadas embora trabalho insano e que entre todas, sómente, para mim e toda a gente, vai em salvo a do «Havano», o que em nada suaviza, isto bem conversadinho, da Companhia, a divisa de bem servir o povinho... Um pacto — e sem maldade vai a minha afirmação — ficamos em confusão se é tabaco que contém ou se lá dentro nos vem um sabonete alcatrão ou cem gramas de alvaiade... E sem querer fazer graça, pois, p'ra graça somos brutos, outro lembra a embalagem que o Teixeira da Couraça — que deixa os dentes da gente como a neve dos caminhos — costuma pôr nos produtos com o melhor dos carinhos e, vá lá! mesmo coragem...

Por acaso, em minha casa, apareceu lá tabaco da «senhora Tabaqueira» e, logo, a minha sopeira, que não deixa de ter caco, vendo-o sobre o toilette, espevitou-se e gritou: «— Oh! patrão! p'ra que mudou de marca de sabonete?!» «— Então não querem lá vêr! Isto é tabaco, mulher!» — retorqui, riso contido. «— Pois se não é sabonete, olhe que está parecido!»...

Luiz Figueira.

carta pinto-20



— Cavalleiro! Tenho a honra de pedir a mão de sua filha.
— Oh José! Diz a minha filha que esta aqui o manicure.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

MISERIAS SOCIAIS

Cesar Fernando Caganito era um zeloso funcionario bancario que nas horas de serviço interpretava dramas e fóra delas fazia de humorista, para o que tinha alguma geiteira. Parece uma auto-biografia, mas não é...

Cheio de filhos, de desgostos e de ilusões, entre os quais predominava a de que lhe havia de sair no fim do ano de 1928 um premio da lotaria ou coisa parecida, o nosso homem 'a vivendo com o sorriso nos labios, a dór no coração e um quilo de cotão nas algibeiras do seu fato coçado e pago em cinco prestações. Escrevia crónicas em jornais humoristicos que não eram pagas nem a peso e mostrou-se sempre uma pessoa economica, pela razão simples de não ter dinheiro para extravagancias. Como não lhe saísse nenhum premio no fim do ano, Cesar Fernando Caganito, com os olhos marejados de lagrimas mais puras que agua fervida, redigiu a seguinte circular, que enviou a todos os crédores, no numero dos quais incluiu dois medicos, um merceiro e um leiteiro:

«O abaixo assinado, Cesar Fernando Caganito, casado, empregado bancario, pai de dois filhos que infelizmente ainda não atingiram a maioridade, para os devidos efeitos vem por este meio avisar os seus inumeros credores que se encontra este ano impossibilitado de fazer face aos seus compromissos, pelo que resolve o seguinte:

1.º — Até aviso em contrario, pede aos seus ex.ººº credores a fineza de o não procurarem com o criminoso intuito de lhe extorquirem aquilo que não possui, sendo até de toda a utilidade que os mesmos ex.ººº srs. credores lhe dirijam palavras de conforto nesta hora amargurada e com laivos de tragedia;

2.º — Não se suicida porque o suicidio é um gesto porco e nauseabundo e com isso nada lucrariam os ex.ººº

srs. credores, antes prejudicava o proprietario de qualquer agencia funeraria, pois seria mais um a juntar a tão grande lista;

3.º — Pede tambem para o não des-acreditarem nesta conceituada praça, pois se o fizerem mostram ser pessoas de baixos sentimentos e não ha nada mais bonito que o Altruismo;

4.º — No caso de algum ex.ººº crédor não concordar com estas clausulas, se isso lhe der prazer e satisfacção, põe o seu corpo á disposicção do mesmo ex.ººº crédor para apanhar uma formidavel tarefa, tarefa esta que liquida toda e qualquer divida; no entanto, aconselha o mesmo crédor a não utilizar tal processo por causa do Tribunal dos Pequenos Delitos, o que não quer dizer que não dê a preferencia a este novo genero de liquidacção de contas;

5.º — No caso do meu falecimento se dar este ano inesperadamente, peço aos meus ex.ººº crédores para considerarem as minhas dividas saldadas, recomendando-lhes para se incorporarem no meu funeral e para durante o trajecto do mesmo até ao cemiterio não se referirem á minha ex-pessoa em termos desagradaveis. A' volta podem passar pelo Manoel dos Passarinhos e comentarem a seu bel-prazer a minha personalidade, não se esquecendo, porém, de que devem convidar o cangalheiro, que será a minha ultima vitima.

A presente circular é copiada do original, que foi feito em papel selado, comprado a fiado, papel selado este devidamente assinado e reconhecido e contendo mais uma estampilha de cinquenta centavos, de harmonia com o novo e complicadissimo Decreto do Imposto do Selo (Decreto n.º 16.304).

Lisboa, Janeiro (15) de 1929.

(a) Cesar Fernando Caganito.»

Roix

Manzoni de Sequeira



Um administrador «Diarlo» e «Fixe»

Um caso policial

Os dectetives da Policia de Investigação Criminal encontram-se por vezes em sérios embaraços para darem cumprimento, nos termos da lei, a certas queixas que lhe são entregues. Ha dias foi registada na Policia com o n.º 1809 e distribuida ao agente Bento, da 1.ª secção, a seguinte queixa:

«Ex.ºº Sr. Director da Policia de Investigação Criminal:

Março, ás 18 horas. Se me queixou na Estrada da Circumvalação Amelia dos Santos, de vinte e sete anos de idade, morador no Lugar de Cazelas, 12, loja, de que, pelas 13,30 horas, encontrando-se á porta da sua residencia, nessa ocasião passava pelo referido lugar, montado num animal de raça cavalari, seguido por outro da mesma especie, mas de menor idade, de nome Artur Ermida, morador no lugar de Outeiro de Carnaxide.

O animal menor espantou-se e foi chocar com a porta da dita residencia, tendo atirado com a queixosa ao chão. O animal evadiu-se em seguida, de que resultou ficar contusa no peito e nas pernas, motivo pelo que foi curar-se ao hospital de Belem a queixosa, onde depois de curada seguiu o seu destino.»

O agente Bento, depois de lêr e rêler a queixa, resolveu chamar o seu colega Custodio dos Fieis de Deus, a quem pediu o seu douto conselho. Este, depois de lêr a queixa, exclamou:

— Espera!... Se calhar são dois criminosos disfarçados de animais de raça cavalari!

— Deixa-te de brincadeiras, homem!

— E' o que te digo! Se eu cá tivesse já os meus «Myrviray» e «Zim», deslindava imediatamente o caso.

— Eu sei quem são os teus «Myrviray» e «Zim»...

— São os meus cães policiais! Mas o que tens a fazer, pelo sim, pelo não, é prenderes os dois agressores.

— Quais?

— Os animais de raça cavalari, o maior e o menor. Garanto-te que, depois de oito dias de incomunicabilidade, confessam tudo como dois papagaios. Se queres, eu trato disso...

— Dos animais?

— Não, dos criminosos disfarçados em cavalos.

A' hora a que escrevemos, ainda não foram presos os agressores da sr.ª Amelia Santos.



— Agora no Coliseu vai opera. Tu já viste opera?

— Oh, filha! Eu até já fiz uma operacção...

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.

FUMESUNRIPE



O que se diz e o que se não deve dizer

O desporto nacional tem "mau olhado"

AO PONTO... de honra

Dados os insucessos do *foot-ball* nacional no estrangeiro, os únicos triunfos publicos parecem ter pertencido aos grandes colossos jornalisticos, reclamando todos para si a primazia na boa informação dos jogos internacionais.

Pega-se nos jornais do dia seguinte ao dum *match* e vê-se a primeira pagina cheia de lés-a-lés, com prosa inflamada e grandes fotografias do Terreiro do Paço ou da Rotunda, sob titulos como este:

«Os serviços de informação ultra-rapida do nosso jornal, postos de novo á prova, tiveram exito enorme em todo o pais.»

Quanto ao jogo, se o leitor quizer saber alguma coisa, que procure mais adiante— muito proximo das paginas dos anuncios...

O quadro electrico do *Diario de Noticias* foi instalado na praça Marquês de Pombal, sobre um *camion* da Moagem.

Dizia um espectador:

— «A Moagem deita mão de tudo... até do *foot-ball*...»

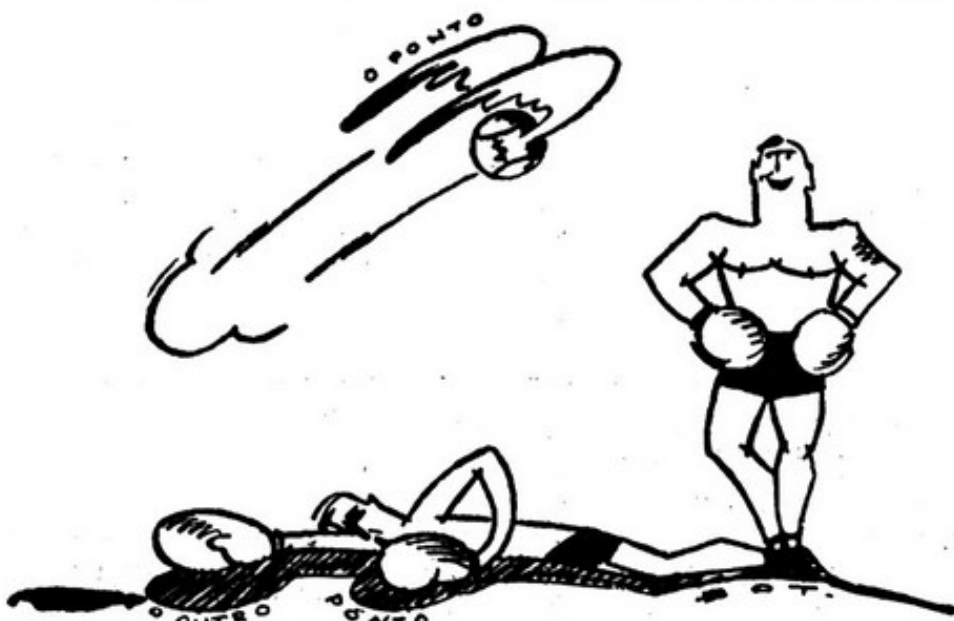
Dizia outro:

— «E' talvez por isso que os nossos jogadores só dão pontapés de roca...»

Um amigo descreve-nos como segue a informação dum *alto-falante* durante o VII Portugal-Espanha.

«Os portugueses avançam. Vitor Lisboa remata e Zamora defende difficilmente. Os nossos voltam a atacar. A bola é repelida pela defeza espanhola, mas Augusto Silva tem uma boa recarga... (Uma pausa)... Os espanhóis meteram o primeiro *goal*.

«Os portugueses não desanimam e descem sobre o campo contrario. Marca-se um *tiere* contra a Espanha. A bola roça a tra-



Em chuto, o ponto fugiu; em box, o ponto caiu

Uma futebolista



ve. Pepe tem um grande remate... (Uma pausa)... Os espanhóis morram o segundo *goal*.

«A rossa aza direita provoca uma situação de grande perigo para as redes de Zamora. A bola é repelida mas volta ao campo espanhol. «Corner» contra a Espanha. O dominio pertence-nos. (Uma pausa)... Os espanhóis acabam de conseguir o terceiro *goal*... E assim sucessivamente..

Contra a Espanha — 0 a 5 em *foot-ball*.

Contra a França — 0 a 2 em *foot-ball*.

Em Nice e Monte Carlo — a nossa equipe de esgrima: ultima classificada.

Cruz Coelho posto *knock-out* ao primeiro *round*; por Paolino.

Temos que ir á bruxa da rua Augusta para nos benzermos!

Isto já só val com rezas:

«Quebranto com olho mau vai para quem to deu que o desporto não é teu. Se to deram no jogar, se to deram no correr, se to deram no saltar, se to deram no comer, se to deram no beber, se to deram no dormir, se to deram a fugir, se to deram a cheirar, no bem estar ou nos *goals* para atrazar, quebranto com olho mau vai para quem to deu que o desporto não é teu. Olhos maus to deram, te meteram nelas para além dos montes. E eu é que to tiro com poder do Ornelas e do doutor Pontes.»

Rebola-A-Bola.

Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

Kilometro de arranque



— Vê lá se a agua é fervida...

HOME-SUNRIPE

Um grande «shoot»



Como a selecção espanhola atirou com a «equipe» portuguesa para Paris.

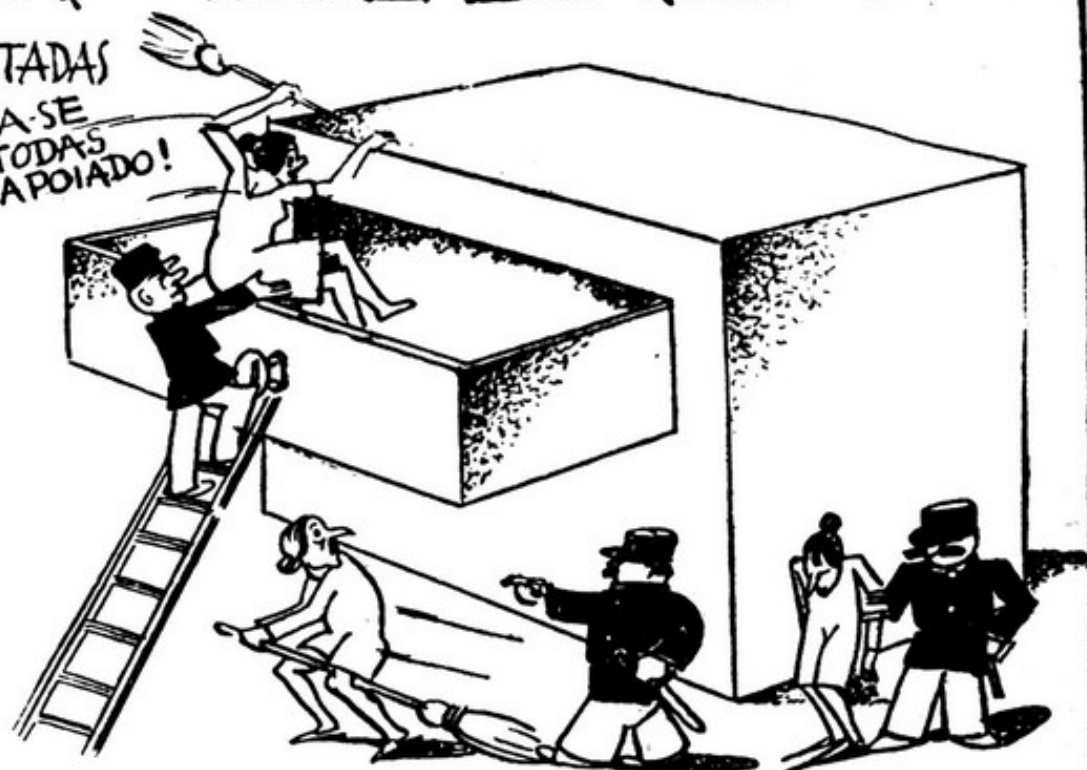
— Se fossemos nós a jogar, a vêr se eles metiam 5 a 0!

ECOS DA SEMANA



FORAM ENGAVETADAS
UMA PORÇÃO DE
BRUXAS - ESPERA-SE
FAZER O MESMO A TODAS
QUE HA NO PAIS - APOIADO!

CONSTA QUE ESTA SEMANA
SANTA ALGUMAS MADEMUASES
PINTARAO OS LABIOS A NEGRO -
SE A MODA PEGA TEMOS MUITOS
ESCANDALOS COM AS IMPRESSOES
LABIAIS.



OS AVIAJURES QUE FIZERAM A VIAGEM DE ESTUDO A V. REAL S. ANTONIO
CONCLUIRAM QUE A MELHOR FORMA DE S APARELHOS VOAREM
EM LINHA RECTA SERA A DE ATA-LOS A UM FORTE SARRAFO COMO
MOSTRA A GRAVURA -



ISSO FOI TEMPO

O DOBRE MARQUEZ DO POMBAL AO PRESENTIR QUE UMA
TURBA ENORME LHE CERCAVA O SEU COITO LEVAN-
TOU-SE E DE LAGRIMAS NOS OLHOS FALOU AS MASSAS -
- SUPUNHA ELE QUE LHE FAZIAM UMA HOMENAGEM -
- AFINAL TRATAVA-SE DE FOOT-BALL
POBRE MARQUEZ DO POMBAL -



ESTA FORMADO O CONSELHO NACIO -
NAL DOAR - PARA A CONQUISTA
DESTE JA FOI ADQUIRIDO UM POSSANTE
ASPIRADOR QUE EM CASO DE
GUERRA CHUPARA O AR TODO AO
INIMIGO - (PATENTE DE INVENÇÃO)

O ARCO
TRANSFERIDO PARA 'CACILHES
SUR MER...' ONDE SERVIRA
DE ARCO DE TRIUNFO -

